REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO

Preços da assignatura	Anno — 36 n.os	Semest. — 18 n.os	Trim. — 9 n.os	N.º á entrega
Portugal (franco de porte, m. forte)	3$800	1$900	$950	$120
Possessões ultramarinas (idem)..	4$000	2$000	—$—	—$—
Extrang. (união geral dos correios)	5$000	2$500	—$—	—$—

13.º ANNO — VOLUME XIII — N.º 414

21 DE JUNHO DE 1890

REDACÇÃO—ATELIER DE GRAVURA—ADMINISTRAÇÃO

LISBOA L. DO POÇO NOVO, ENTRADA PELA T. DO CONVENTO DE JESUS, 4

Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe, e dirigidos á administração da Empreza do OCCIDENTE, sem o que não serão attendidos. — Editor responsavel Caetano Alberto da Silva.

CHRONICA OCCIDENTAL

Hoje, ao fazer o balanço dos factos d'estes ultimos dez dias para historiar a vida de Lisboa no praso decorrido desde a minha ultima chronica, encontrei-me defronte d'um feixe enorme de acontecimentos, todos elles de genero differente e todos elles de certa importancia.

Foi uma semana bem cheia, a semana que está a findar, bem cheia infelizmente porque entre esses factos que a enchem, ha alguns que nada se perdia se não tivessem vindo cá preoccupar a vida lisboeta e tomar logar proeminente nas suas attenções, como aquelles de que nos vieram noticia d'Africa e de Hespanha.

Em frente de tantos acontecimentos a relatar, não sei, francamente por onde entrar nem sahir, tanto mais que de uns d'elles não tenho vontade nenhuma de fallar, e de outros pouquissimo ou nada posso dizer por não ter a elles assistido.

Cortarei a difficuldade como bom cidadão, começando pela solemnidade constitucional do reconhecimento do herdeiro da corôa pelas duas camaras reunidas para esse fim, em sessão extraordinaria.

Essa sessão não deu muito que fallar de si e não produziu uma sensação por ahi além na cidade.

A curiosidade indigena que faz um acontecimento d'um homem que tira dentes sem dôr na almofada d'um trem no Rocio, e que junta milhares de pessoas defronte da janella d'onde fugiu um periquito ou um canario, não esteve disposta a accordar d'esta vez para ver como era o reconhecimento d'um principe herdeiro, e todos aquelles lisboetas que se acotovellam, que se amarrotam, que se contusionam no dia 2 de janeiro, para ouvir a voz de el-rei dizer «Está aberta a sessão» deixaram-se ficar a dormir no dia 14, sem querer saber como é que a constituição portugueza manda reconhecer o principe real, e a ceremonia, apezar de feita com toda a grande gala do estylo, passou quasi tão desapercebida como se fosse feita á capucha.

Assistiram a ella só as entidades officiaes que não podiam deixar de assistir; e emquanto a publico, as tribunas eram a rua do lá vem um: quasi que desertas, e não serei eu com certeza quem atire a primeira pedra aos ausentes porque se não assistir a essa sessão era peccar, eu francamente não estou isento do peccado.

*
* *

Nos dias das suas sessões ordinarias S. Bento tem-se desforrado com enchentes reaes da má casa que teve no dia da sua sessão extraordinaria; as tribunas tem estado litteralmente atulhadas, e as sessões tem sido de mão cheia, segundo a technologia e o criterio com que entre nós se trata das questões parlamentares.

Uma sessão de mão cheia na nossa terra, não é aquella em que se votam leis importantes é aquella em que se pronunciam discursos vistosos.

Sob este ponto de vista as sessões teem sido magnificas. Tem-se fallado pelos cotovellos este anno em S. Bento, palavras não tem faltado, e tem havido uma coisa que interessa muito o *dilettante* dos espectaculos parlamentares, como aliás o de todos os outros espectaculos, uma quantidade enorme de debutes.

Dir-se-ia o theatro de S. Carlos nas primeiras recitas da epoca; cada dia duas tres estreias, e o que é mais curioso é que a imprensa politica tem para essas estreias sempre as mesmas noticias, com uma seriedade imperturbavel que tem uma graça infinita.

Isto não é d'hoje nem de hontem, é de ha muito tempo já, agora porém como os *debutes* se tem succedido quasi que sem interrupção, e debutes de mais a mais alternados, um regenerador um progressista, um progressista um regenerador essas criticas da imprensa tornam-se muito mais salientes e o seu *cliché* dá muito mais nas vistas.

Nem é preciso ler os jornaes para sa-

EXPOSIÇÃO D'ARTE NO ATHENEU COMMERCIAL DO PORTO

A TI'ANNA — QUADRO DE JULIO COSTA

(Segundo uma phototypia)

ber, para ir jurar o que elles dizem. Os jornaes do partido do debutante, acham a sua estreia uma das estreias mais felizes, mais brilhantes que ultimamente tem havido no parlamento portuguez: os jornaes do partido contrario começam inevitavelmente sempre assim a sua noticia:

«Não se póde dizer que fosse uma estreia feliz a do illustre deputado que hontem fallou pela primeira vez na camara.»

E' sempre assim, invariavelmente, imperturbavelmente, todos os dias a mesma coisa, a mesma noticia com um estylo grave, um ar convicto que é deveras delicioso.

* * *

Lisboa apresentou ha dias uma inovação pela qual francamente não nos podemos congratular: — os concursos de belleza.

Quem implantou entre nós essa novidade, que lá fóra não tem feito muito brilhante caminho, foi o Jardim Zoologico e não lhe damos os parabens por isso, sobretudo, ou antes exclusivamente, pela modificação desgraçada que fez n'esses concursos.

La fóra, na America, em Spa, em Nice, esses concursos são sempre entre mulheres, e comprehende se facilmente que mulheres serão essas que concorrem ao premio de belleza.

A empreza do Jardim Zoologico, receiando talvez, dadas as condições da vida lisboeta, não ter candidatas a um concurso n'essas circumstancias, introduziu no programma uma alteração essencial, que consideramos profundamente infeliz e mesmo perigosa.

O concurso em vez de ser entre mulheres foi entre meninas de 10 a 12 annos.

A escolha da idade é então tudo o que ha de mais desastrado.

Os doze annos são a idade de transicção em que a menina começa a ser senhora e não conhecemos nada mais arriscado, mais triste, mais perigoso moral e socialmente fallando do que exactamente n'essa idade ir dar um premio de belleza a uma creança que está em vesperas de ser mulher.

O menos que esse premio pode fazel-as é vaidosas, tolas, e dado este menos comprehende-se facilmente o perigo do mais, e a influencia desastrosa, perniciosa que esse premio de vaidade dado á creança de hoje pode ter no caracter e no futuro da mulher d'amanhã.

Esses premios conferidos a mulheres já feitas não tem moral e socialmente perigo nenhum porque não são susceptiveis já de perigos as mulheres que a elles concorrem; se esses premios fossem dados a creanças de 1 a 3 ou 4 annos, o perigo seria nullo tambem, porque as premiadas teriam a inconsciencia dos merecimentos que lhes valesse o premio, mas escolher para esse concurso precisamente a idade de transicção parece-nos uma idéa desastradissima.

* * *

Todos os annos por este tempo é costume fallar-se em epidemias, no cholera, na febre amarella, n'esses sinistros hospedes da Europa no verão: este anno falla-se n'elles como é costume e infelizmente com boas razões porque, segundo as noticias officiaes, o cholera fez o seu apparecimento n'uma pequena aldeia perto de Valencia, Hespanha, e em Malaga appareceu uma febre infecciosa e mortal que se receia com muitas probabilidades que seja a febre amarella.

Estas duas noticias chegadas quasi ao mesmo tempo a Portugal, produziram o alvoroço que não podiam deixar de produzir, e o governo tomou logo as medidas de vigilancia necessarias para impedir que passe ás fronteiras a terrivel epidemia.

O governo francez tomou tambem eguaes medidas na sua fronteira e o governo Hespanhol, mais alarmado ainda e com sobejas razões, está empregando todos os meios que a sciencia aconselha para evitar que o mal se propague por todo o reino, para conseguir que elle se localise nas localidades onde appareceu importado das Filippinas, segundo se julga.

Nós temos todas as razões para nos acautellarmos, para tomarmos todas as providencias, e antes ellas pequem por exageradas do que por deficientes; mas em compensação, felizmente, não temos razão nenhuma para terrores e esperamos em Deos que nunca a teremos.

Que assim seja.

* * *

A questão anglo-africana exacerbou-se n'estes ultimos dias com umas noticias vindas de Moçambique, noticias que a opposição diz serem gravissimas, e que o governo diz não terem a gravidade que a opposição lhes attribue.

As noticias espalhadas, eram realmente graves e fizeram muita sensação em Lisboa, mas depois das declarações do governo no parlamento essa sensação diminuiu consideravelmente.

Entretanto este assumpto faz parte dos taes que eu não quero tratar e o meu collega João Verdades informará d'elles na sua Revista Politica os nossos leitores.

* * *

A Academia Real das Sciencias, que ordinariamente pouco dá que fallar de si, teve agora duas sessões brilhantes, sessões com intervallo de oito dias, duas sessões que em todo o mundo litterario seriam um verdadeiro e festivo acontecimento A primeira d'essas sessões, a que já nos referimos na nossa ultima chronica foi a da leitura do elogio historico de El-Rei D. Luiz feito por Antonio Candido, a segunda foi no domingo 5 do corrente para a leitura do elogio de Alexandre Herculano feito por Pinheiro Chagas.

O acaso, juntou n'essas duas sessões os dois primeiros oradores de Portugal, os talentos mais brilhantes que são hoje a gloria da tribuna portugueza, e dizer que Pinheiro Chagas e Antonio Candido se mantiverem n'esses seus trabalhos academicos a toda a altura do seu prestigioso nome, da sua apregoada fama é dizer que essas duas sessões solemnes foram duas grandes solemnidades litterarias, d'aquellas que fazem a gloria d'uma Academia.

Os jornaes occuparam-se larga e elogiosamente dos discursos dos dois eminentes oradores; eu que não pude ter a boa fortuna de os ouvir n'essas sessões, espero para os apreciar devidamente a sua publicação em livro.

* * *

E já que fallei em livros não quero terminar esta chronica sem agradecer aos illustres auctores dos seguintes livros novos que tenho sobre a meza, e a que em breve consagrarei uma chronica, a gentilissima amabilidade do seu offerecimento.

Esses livros são:

Viagens na Galliza, pelo conselheiro Ignacio Francisco Silveira da Motta, socio effectivo da Academia Real das Sciencias — 1 volume de 248 paginas — Lisboa — Livraria Pereira — 1889.

Homenagem a Camões. por José Ramos Coelho, um volume de 40 paginas in-folio. Edição commemorativa do 310.° anniversario do fallecimento de Camões, constante apenas de 250 exemplares numerados. Lisboa — Typographia da Academia Real das Sciencias — 1890.

O Rei Diverte-se — drama de Victor Hugo, traduzido em verso por Acacio Antunes — 1 volume de 200 paginas — Porto — 1890.

D. Affonso VI drama em 5 actos original de João da Camara — 1 volume de 174 paginas — Livraria Ferin — 1890.

Lyricas — por João Saraiva — 1 vol. de 100 paginas — Livraria Ferreira 1890.

Um grito — poesia de Luiz Osorio — um folheto de 16 paginas — Lisboa 1890.

O bezerro de ouro drama em 5 actos original de Guilherme Augusto de Santa Rita, com um prefacio — 1 volume de 240 paginas — Lisboa 1890.

Relicario, versos de Vicente de Carvalho — segunda edição 1 volume 32.° de 100 paginas Porto 1889.

Aristo — novella de Rodrigo Octavo 1 vol. de 102 paginas — Rio de Janeiro 1889.

O Cortiço romance de Aluizio Azevedo 1 vol. de 354 paginas Rio de Janeiro — 1890.

Gervasio Lobato.

EXPOSIÇÃO D'ARTE NO PORTO

(Concluido do n.° 410)

Dous professores italianos das escholas de desenho industrial, Giuseppe Cellini e Silvestro Silvestri, apresentam-se pela primeira vez entre nós, mas infelizmente de um modo que pouco os recommenda.

O primeiro, que é cinzelador, tem por exemplo uma paizagem extraordinaria, que intitulou «Clarões da tarde». Ninguem sabe o que aquillo quer dizer. Um amontoado de arvores muito verdes, sem perspectiva e sem arte e por entre ellas um clarão uniforme como de incendio proximo.

As outras paizagens pintadas a tempera, tambem nada tem que as faça valer.

Silvestri é pintor decorador. Apresentou duas cabeçorras esboçadas, que quasi mettem medo ao olhar-se para ellas. Aquillo póde fazer effeito a 50 metros de altura, mas duvidamos. O sr visconde da Trindade adquiriu uma d'essas preciosidades. Damos-lhe os parabens pela escolha.

E de pintura temos dito.

Quanto a aguarella e pastel, é notavel a cabeça de estudo (pastel), exposta por Marques de Oliveira. Uma formosa cabeça de mulher, tratada com um amor e delicadeza surprehendentes. Bello, extremamente bello!

São do mesmo artista, duas formosissimas paizagens a aguarella, intituladas «Santo Thyrso» e «Povoa de Varzim».

Michelangelo Soá. professor de desenho industrial, exhibiu um «Interior de convento», aquarella, bem desenhado, mas em que se presente ser o trabalho de um architecto.

Almeida e Silva apresentou dous pequenos retratos a aguarella, muito similhantes e recommendaveis pela factura.

Silvestri tambem lá teve mais tres aguarellas, sendo dous retratos de senhora, com umas boquinhas, que parecem estar a pedir beijos. Sem serem dous trabalhos que se recommendem pelo desenho, ainda assim sempre são bem melhores do que os restantes trabalhos que o artista exhibiu n'este certamen.

Em esculptura apenas houve dous expositores: Francisco Couceiro e Thomaz Costa.

O primeiro podia ser um artista excellente, se não fosse a sua má educação artistica. Em contacto continuo com a esculptura em madeira, de seu pae, e talvez discipulo d'esse mesmo *atelier* de santidades, a sua esculptura é incorrecta, amaneirada e secca.

A estatua em gesso «Othello», é simplesmente burlesca e de uma modelação falsa e convencional.

O retrato de seu pae, se bem que similhante, parece feito de pau, tal é a dureza das linhas e do desenho.

Thomaz Costa enviou uma formosa cabeça de mulher, em marmore, intitulada «Parisiense».

Typo fino, a modelação é firme e correcta e a execução no marmore, irreprehensivel. O que nos pareceu foi estarem os cabellos tratados muito summariamente.

Como preito á memoria do fallecido amador Alfredo Xavier Pinheiro, a exposição fechava com uma grande collecção de trabalhos, em todos os generos, d'aquelle verdadeiro apaixonado pela arte.

Eram paizagens, retratos e outros estudos, quer em pintura, quer em aguarella, e um desenho.

Xavier Pinheiro tinha incontestavel talento. Era um artista que estava em formação, com defeitos sem duvida, mas com qualidades extraordinarias de visão e de individualidade.

Em paizagem, as suas tendencias eram sobretudo para os assumptos soturnos, para os poeticos momentos do declinar do sol e então os contrastes do azul escuro do arvoredo, sobre uma atmosphera afogueada e vibrante, davam um aspecto estranho, mas encantador á sua obra.

Não era um verdadeiro desenhador, Xavier Pinheiro e por isso os seus quadros, quasi sempre tratados um pouco mais do que em esboço, tinham comtudo uma determinação justa da forma, uma mancha pittoresca e uma harmonia de conjuncto summamente agradavel.

Era sobretudo um fino observador e se a morte não o arrasta tão depressa para as sombras da eternidade, o amador quasi insipiente, devia transformar-se em breve em um grande artista de coração

Os artistas organisadores da exposição, foram justissimos, n'esta homenagem que prestaram a um amigo talentoso.

Porto, maio. *Manoel M. Rodrigues.*

AS NOSSAS GRAVURAS

ARTE PORTUGUEZA NO «SALON»

CAIM

ESTATUA POR TEIXEIRA LOPES

São animadoras as noticias que nos vem do *Salon* de Paris, com respeito á representação da arte portugueza n'aquelle certamen annual das artes.

Este anno figuram ali seis artistas portuguezes

com as suas obras e alguns d'esses artistas, que ainda são estudantes das escolas de Paris, apresentam-se vantajosamente ao pé dos mestres, com honra para si e para o paiz.

Souza Pinto, Columbano, Salgado, Mello e Brito, Teixeira Lopes e Thomaz Costa, são os artistas portuguezes que este anno concorreram ao *Salon*, e os seus trabalhos tem merecido a critica dos jornaes francezes, e alguns tem sido premiados.

Entra n'este numero a magnifica estatua em marmore *Caim*, de Teixeira Lopes, que obteve uma 3.ª medalha, tendo obtido o anno passado quando a apresentou ainda em gesso, uma menção honrosa.

Teixeira Lopes foi alumno da Academia Portuense de Bellas Artes, e entrou no concurso de pensionistas para estudar esculptura em Paris, com Thomaz Costa.

O jury classificou este ultimo, mas Teixeira Lopes nem por isso deixou de ir estudar para Paris.

Foi por conta particular de alguns cavalheiros que o subsidiaram, e a maneira porque se está desempenhando, justifica plenamente esse subsidio, podendo Portugal contar mais um esculptor destincto, que talvez se perderia á mingua de auxilio.

A estatua de *Caim* não a apreciaremos como um estudo de sciencia biblica, porque crêmos bem que o artista não pensou em tal ao fazer a sua obra.

Chamou-lhe *Caim* como lhe podia chamar simplesmente um garoto.

Porisso pondo de parte as mil complicações que se podiam levantar sobre a interpretação do filho do primeiro homem, apreciemos simplesmente a esculptura, que é primorosa e revela um esculptor a valer de que ha muito a esperar.

Alem d'esta estatua Teixeira Lopes expõe uma outra em gesso intitulada a *Viuva* de que tambem temos referencias vantajosas e que esperamos poder reproduzir nas paginas do OCCIDENTE.

O ARCEBISPO DE LARISSA

Foi com profunda magoa que em Lisboa se recebeu a noticia do fallecimento repentino do sr. Arcebispo de Larissa, esse veneravel ministro da egreja, que Lisboa conheceu e estimou durante muitos annos, em que n'ella viveu sob o titulo de arcebispo de Mitylene.

A sua figura grave e serena, a sua physionomia bondosa reflectindo como em espelho as excellentes qualidades da sua alma e do seu coração, não podia deixar de impressionar agradavelmente quem se lhes approximasse, attrahia mesmo e impunha-se respeitosamente na modesta simplicidade da sua apresentação, e assim Lisboa toda o conheceu, admirou e respeitou, como um verdadeiro ministro do Senhor, como um verdadeiro apostolo do christianismo.

Inclinado desde os mais verdes annos para a vida que depois seguiu, não se importou com as vaidades do mundo. Entre os pergaminhos fidalgos a que o seu berço lhe dava direito, e as agruras do missionario christão, escolheu as ultimas e com isto satisfez o seu espirito e alegrou o seu coração.

D. João Rebello Cardoso de Menezes, nasceu em Villa Real de Traz os Montes a 29 de outubro de 1832, descendente de uma familia illustre onde se contam nobres fidalgos como o sr. Conde de Margaride.

Dedicando-se á carreira ecclesiastica, estudou com destincção no seminario de Braga, recebendo as primeiras ordens em 1 de junho de 1855, de sub-diacono em 22 de dezembro do mesmo anno, as de diacono em 26 de dezembro de 1856 e ordenado presbytero logo depois.

Os relevantes serviços prestados á egreja como missionario, professor, e depois dignitario, e as altas distincções e cargos com que o Summo Pontifice o agraciou e investiu, são a prova mais cabal dos seus altos merecimentos.

Missionario nos Açores durante doze annos, as suas missões foram proveitosas. Professor no seminario de Braga foi tambem um dos seus mais uteis reformadores. Elevado ás altas dignidades da egreja, soube ser exemplar pastor e chamar ao seu rebanho os desencaminhados, persuadindo-os pela sua palavra inspirada, pela sua brandura serafica, convicta e expontanea, captivante e convencente.

Leão XIII nomeou-o seu capellão honorario *extra-urbem*, conferio-lhe o titulo de Monsenhor, e nomeou-o ainda Protonotario Apostolico e seu Prelado domestico.

Foi nomeado desembargador honorario da relação ecclesiastica de Braga e em 1884 foi sagrado arcebispo de Mitylene no seminario patriarchal de Santarem.

N'este mesmo anno o governo nomeou-o Vigario Geral do Patriarchado, nomeação que foi confirmada pelo Papa. São importantes os serviços prestados pelo finado arcebispo ao Patriarchado. Era incansavel no desempenho da sua missão. Na camara ecclesiastica ou no templo a sua actividade era a mesma, e todos em Lisboa se lembrarão dos famosos discursos pronunciados pelo digno prelado, nos diversos templos da capital.

Em 1887 foi nomeado arcebispo de Larissa, coadjutor e futuro successor do bispo de Lamego.

Foi proveitosa e de grandes beneficios para a diocese lamessense a administração do arcebispo de Larissa. Os negocios da diocese mereceram-lhe a mais desvelada attenção e o seminario deveu-lhe os maiores beneficios.

Despido de interesses mundanos, o arcebispo de Larissa era um verdadeiro apostolo da caridade christã, que acode ao desgraçado com o obolo e com o conselho, que se compraz em fazer o bem pelo amor do bem.

E' por isto que toda a imprensa tem sido unanime em elogiar o illustre extincto, que tanto se soube elevar no conceito dos seus contemporaneos.

Deixa o arcebispo de Larissa alem de varios escriptos publicados nos jornaes, tres obras de valia e são: *Codigo Penal da Egreja*, *Os seminarios* e um *Ceremonial*.

N'estas rapidas linhas apenas deixamos esboçados os principaes traços da physionomia do illustre prelado, com algumas notas biographicas de tão laboriosa e honrada existencia.

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO CENTRAL DO ROCIO E LINHA URBANA DE LISBOA

N'outro paiz mais apreciador dos seus interesses, mais conhecedor da benefica influencia que podem ter nos progressos da sua vida economica, os melhoramentos operados na capital; menos indifferente pelos factos que o põem em evidencia para com o mundo que viaja, que estabelece relações internas ou internacionaes, que visita paizes e lhes conhece os costumes; n'um paiz, finalmente, em que o publico, o povo, a grande massa que pensa e produz, tanto o artefacto que se consome, como a idéa que se transmitte, considerasse melhor os factos que o rodeiam, o acontecimento que se deu em Lisboa no dia 11 do corrente constituiria um dos mais notaveis do seu viver.

A abertura da nova estação central, tão central que vem abrir as portas dos seus edificios no largo mais frequentado da cidade, devia ser saudada como um caso extraordinario, considerado esse dia como de festa, como de regosijo publico, porque significava para todo o continente uma transformação poderosissima da sua actividade, como uma prova evidente da nossa marcha no caminho dos progressos publicos.

Não se diga que é o espirito de *métier* que me produz estes desabafos enthusiastas; que é pela minha posição official — de que, alias, abstraio completamente quando tomo a penna do jornalista — que é pelo meu amor por tudo que respeita á viação accelerada, que considero a abertura da estação do Rocio de um modo differente dos demais. Não. O meu modo de ver funda-se unicamente no facto de ver mais de perto as consequencias que nos deve trazer esse melhoramento, na convicção que tenho de que elle deve exercer uma larga influencia no desenvolvimento das nossas relações com o paiz e com o estrangeiro, e no conhecimento dos resultados que a outros paizes tem levado emprehendimentos d'este genero.

Lisboa, porém, esta pacata Lisboa que se apinha no transito de qualquer procissão, que se acotovella para não deixar de ver um dentista que tira uma laranja do caroço d'uma azeitona, que se esmaga para admirar os rolos de fumo de qualquer fogo d'artificio inglez, que faz equilibrios sobre as trapeiras para ver passar um balão de papel, que disputa o logar para applaudir um touro que fura um bandarilheiro, Lisboa, emfim, que tem enthusiasmos infantis por tudo que é inutil, por tudo que não tem significação nem interesse, quando não os sente tambem por muitas coisas que são prejudiciaes aos seus creditos de cidade civilisada, Lisboa viu indifferente abrir-se-lhe a porta que lhe dava ingresso na nova *gare*, quasi que se deixou na ignorancia de que d'ali, do seu seio, do ponto mais populoso e mais frequentado, ia partir pela primeira vez um comboio que a levaria, por agora, ás frescas, ás deliciosas montanhas de Cintra, e que dentro em breve deve leval-a a todo o continente europeu, emquanto, pelo estreito de Behring, não atravessar para as Americas.

Viciosa organisação dos nossos costumes e do nosso pensar, impedia-a de se interessar por este grande melhoramento — estava nos seus habitos — não quiz sahir d'elles.

Não succedeu assim no Porto, quando se inaugurou a ponte Maria Pia.

A cidade esteve tres dias em festa; as janellas embandeiradas, as ruas com alcatifas de areia e flores, as lojas fechadas, como em dia sanctificado; as musicas em todas as praças, os sorrisos em todos os rostos. E' que o Porto comprehendia quanto essa inauguração apertava os laços que o ligam ao resto do paiz e ao estrangeiro; é que o Porto pensava, e pensava bem, que os adiantamentos na viação accelerada implicam a melhoria do viver d'uma cidade. Por isso entoava hymnos e queimava foguetes.

Foguetes?! agora me lembro; foi justamente a falta do foguete o que originou o pouco enthusiasmo com que a abertura da central foi recebida.

O foguete é a strichnina que desperta o nosso organismo anemico; não choveram os caniços queimados sobre o Rocio, e portanto, ninguem soube que ali ao lado havia festa.

Em vez do silvo da locomotiva, annunciasse a companhia a partida do comboio, por um foguete de tres respostas, e veria que lhe faltavam logo carruagens para todos os passageiros.

Era mesmo, dada a nossa maneira de ver e sentir, uma modificação a fazer no systema de signaes das nossas vias ferreas.

Nada de apparelhos Saxby e Farmer, nada de campainhas de signaes, nada de pharoes e discos.

Um foguete é signal de que abriu a venda de bilhetes, dois foguetes annunciam que o comboio vae partir, tres foguetes indicam a partida!

Foguetes ás passagens de nivel; foguetes á chegada ao destino.

Substituam-se engenheiros e directores pelos pyrotechnicos mais afamados nas luctas do arraial do Senhor Jesus da Serra, e quando as linhas ferreas quizerem ter passageiros á farta, escusam de estabelecer comboios rapidos e bilhetes baratos; dêem um foguete a cada passageiro, como os antigos Recreios Whitoyne davam aos frequentadores uma alcachofra, em noite de Santo Antonio, no mesmo local onde é hoje a estação.

Fallemos d'esta para os poucos que se interessam por *estas coisas* nossas.

Da fachada, tanto da estação como do annexo, que ainda estão em construcção, já aqui se deram as descripções nos n.ºs 343 e 402.

Da disposição interior pouco ha que dizer, por agora, porque só uma pequena parte está provisoriamente aberta.

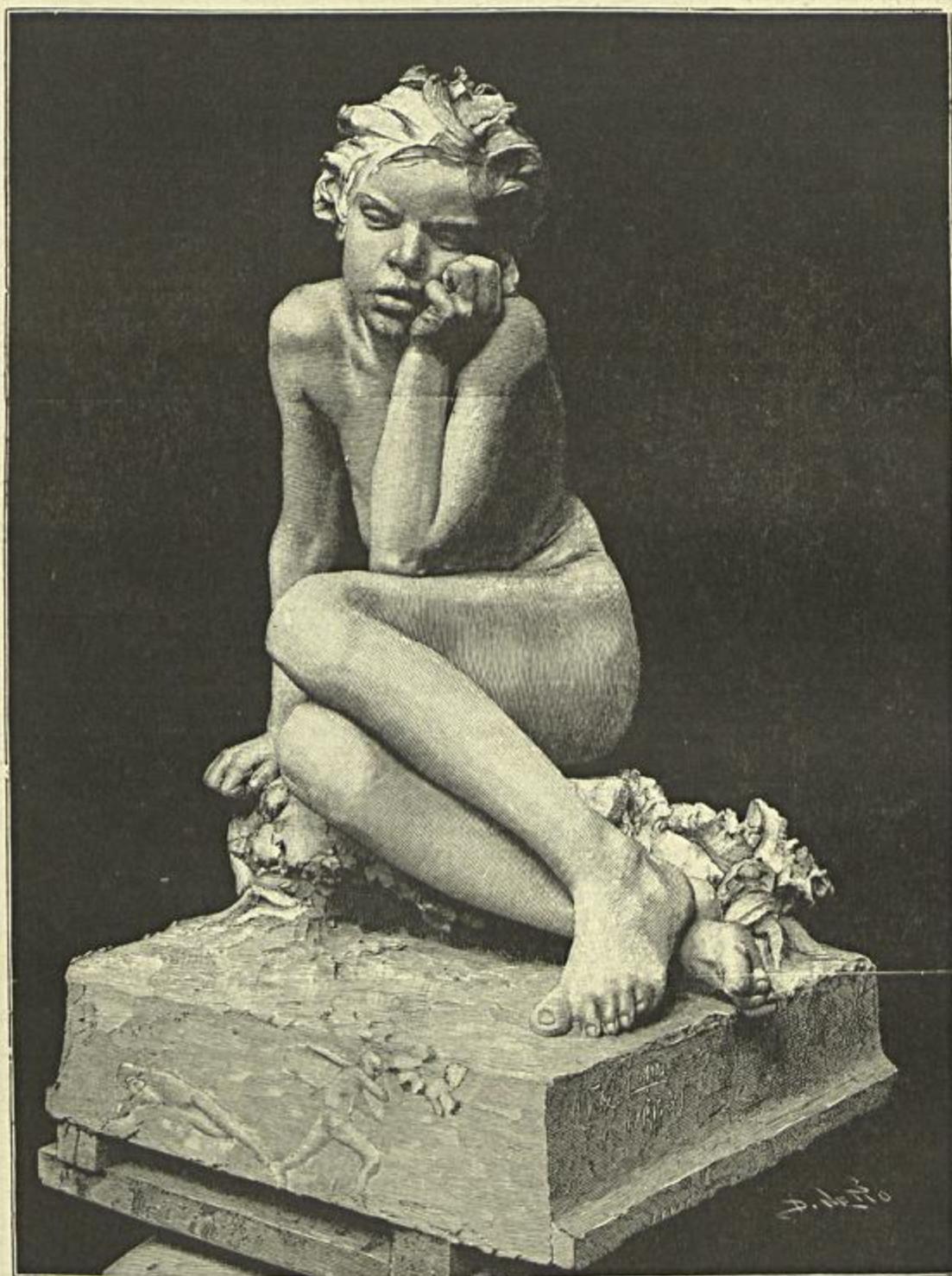
Subidas as rampas da calçada do Duque entra-se n'um pateo de 60^{m2} para estacionamento dos trens que vão levar ou receber passageiros, e d'este para a salla dos passos perdidos, largo vestibulo onde, á direita, estão installadas as bilheteiras e na frente á esquerda, o ascensor que deve servir para bagagens á chegada, á direita o balcão de expedição de bagagens e as salas de 2.ª e 1.ª classe.

D'esta sala abrem largas portas para a plataforma, grandiosa nave de 21 metros de altura e 130 de comprimento onde vemos nove linhas dispostas em trez grupos, sendo o 1.º de duas vias, á direita, de onde partirão no futuro os comboios de longo percurso, o 2.º de 4 vias, ao centro, para o actual serviço das estações proximas a Lisboa, e o 3.º de trez vias, á esquerda, que será para a chegada dos trens das grandes linhas.

A nossa gravura, em que a estação é vista da casota dos apparelhos Saxby, apresenta os comboios em posições differentes d'estas, resultado da photographia, tirada pelo intelligente amador o nosso amigo Carlos Lamarão, ter sido feita antes da abertura á exploração e quando estacionavam na *gare* differentes comboios de serviço.

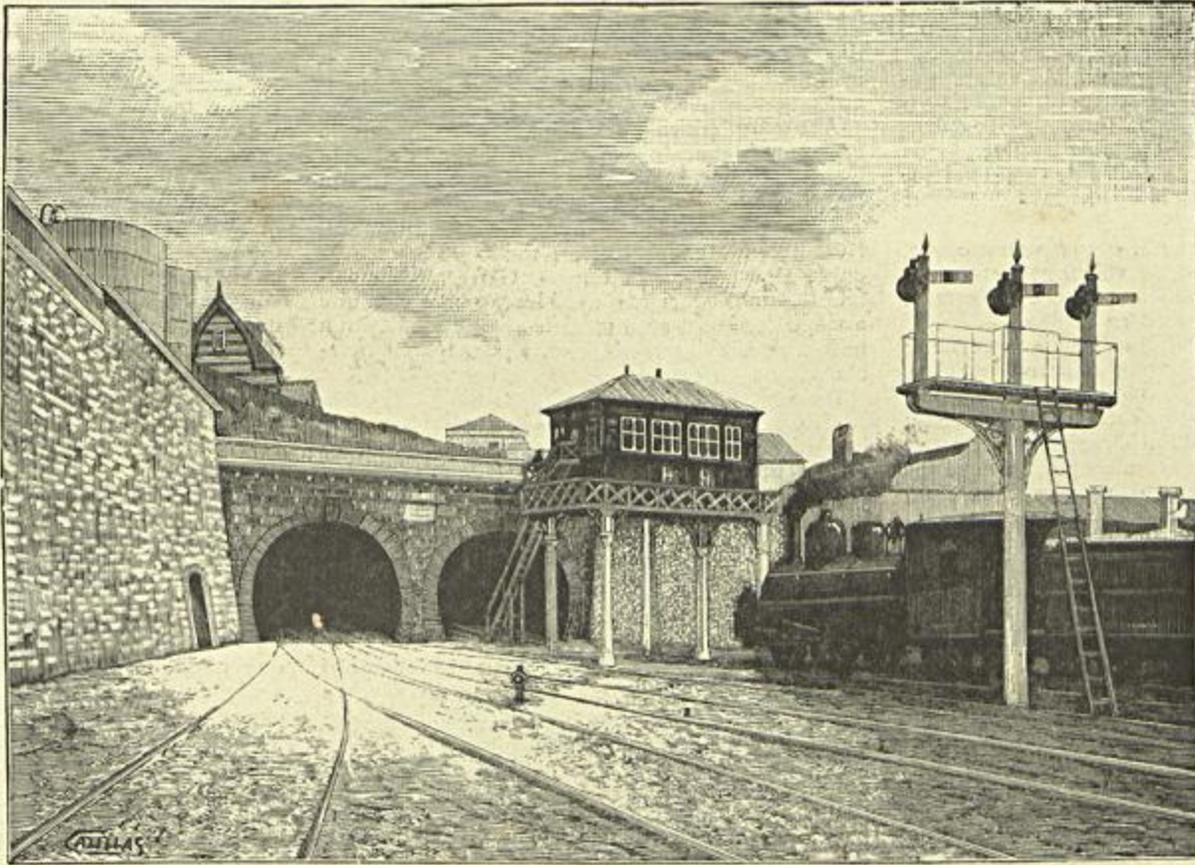
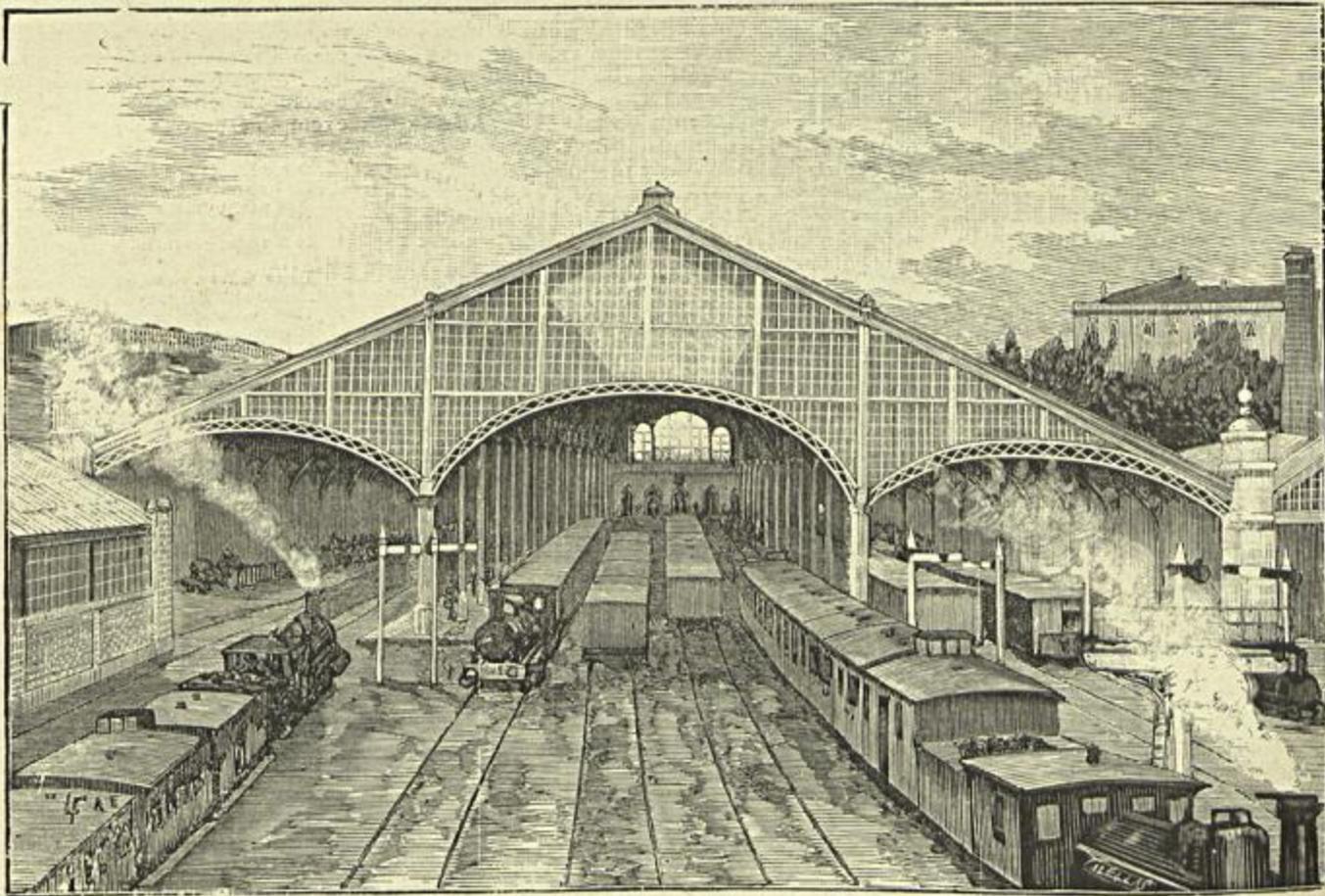
No extremo sul d'essas linhas acham-se as placas rotatorias, no 1.º e 2.º grupo, e a grande carangueja, no ultimo, sendo quatro d'aquellas e esta manobradas por um possante motor hydraulico que principiará a funccionar quando a estação abrir a todo o serviço.

Em frente da sahida da grande nave, sobre as duas linhas de resguardo do grupo do centro encontra-se a casota das alavancas, do systema Saxby e Farmer, por meio das quaes são manobradas todas as agulhas e discos da estação, até dentro do tunnel, systema o mais aperfeiçoado empregado nas grandes estações inglezas, francezas,

ARTE PORTUGUEZA NO «SALON»

CAIM — ESTATUA EM MARMORE POR TEIXEIRA LOPES, PREMIADO NO «SALON» DE PARIS DE 1890

(Segundo uma photographia

CAMINHOS DE FERRO PORTUGUEZES

INAUGURAÇÃO DA ESTAÇÃO CENTRAL DO ROCIO

ENTRADA DO GRANDE TUNNEL E APPARELHOS SAXBY

VISTA INTERIOR DA ESTAÇAO CENTRAL

(segundo photographias do photographo amador sr. Carlos Lamarão)

etc., que permitte a mais rigorosa segurança, porque, por esse engenhosissimo apparelho, não se pode manobrar uma agulha nem abrir um disco, sem que todas as demais que lhe correspondem estejam perfeitamente manobradas.

Poucos metros depois, como a nossa outra gravura o representa, entra-se no tunnel.

Tem este 2:610 metros de extensão, começando junto á calçada da Gloria, segue entre as ruas de Santo Antonio da Gloria e S. Sebastião das Taipas, atravessa as ruas da Conceição e da Alegria, corta o jardim da Escola Polytechnica á distancia de 55m do observatorio, cruza com as ruas do Salitre, Barata Salgueiro, Valle de Pereiro, S. Filippe Nery, e com as travessas da Fabrica dos Pentes e da Legua da Povoa, passa debaixo do Quartel de Artilheria e na confluencia da estrada de circumvallação com a de Campolide, e termina no sitio da Rabicha, proximo ás antigas pedreiras.

Segue uma perfeita recta, o que permitte que, indo ao centro do tunnel, se vejam perfeitamente as duas boccas. A differença de nivel entre estas é de 24m,10 sendo a rampa de 10 milimetros.

A largura é de 8m e a altura de 5 metros e meio; n'uma parte, porém, do lado da estação Central, as dimensões variam, tendo, na extensão de 26m,9, dois ramos, sendo a largura total de 17,5 na testa; e diminuindo em seguida progressivamente.

Para execução d'esta grande obra foi necessario abrir seis poços, sendo o 1.º começado em 5 de julho de 1887 no k. 0.213, junto á calçada da Gloria; o segundo no k 0,807, no jardim da Escóla Polytechnica, principiou a abrir-se em 10 de agosto; o terceiro no k. 1.196, na rua de Rodrigo da Fonseca, começou no mesmo dia do 1.º; o 4.º, no k. 1.808, na Travessa da Legua da Povoa, foi por onde se encetou a perfuração, em 21 de junho, o 5.º abriu em 3 d'agosto no k. 2.208, no Quartel de Artilheria; e o 6.º no k. 2.789, proximo á testa norte.

Em 20 de dezembro ficavam ligados os poços 1.º e 2.º; em 24 o 2.º e 3.º; em 9 de janeiro de 1888 o 3.º e 4.º e em 7 de fevereiro o 5.º e 6.º.

Os poços 4.º e 5.º só foram ligados em 26 de maio, em consequencia da maior extensão da galeria e da grande consistencia da rocha n'essa parte do tunnel.

Os trabalhos duraram, portanto, 10 mezes e 5 dias até a total perfuração.

A altura d'estes poços variou entre 13m,10 e 63m,72, sendo o maior o do Quartel d'Artilheria.

O cubo de terraplenagens executado tanto em poços como no tunnel propriamente dito foi de proximamente 200:000 metros cubicos.

O volume de alvenaria do revestimento approximou-se de 50:000 metros cubicos. O material empregado na aboboda foi exclusivamente o tijollo; nos pés direitos o tijollo e a pedra.

Dirigiram os trabalhos por parte da companhia, os srs. engenheiros Xavier Cordeiro como director e Vasconcellos Porto, como adjuncto, ficando depois este no logar de director, por o sr. Cordeiro passar a chefe do serviço de Via e Obras.

Por parte do governo superintendeu na fiscalisação o sr. engenheiro Augusto Poppe, actualmente director da fiscalisação da linha da Beira Baixa e deputado da nação.

Não esqueçamos tambem quem tanto coadjuvou os trabalhos, dirigindo uma boa parte d'elles, na sua qualidade de chefe de secção, o sr. Chabrion, sollicito empregado que tanto amor devotou aquella obra desde o seu principio.

Para esse não houve necessidade de foguetes; teve-os, mas de lagrimas, a rolarem-lhe pelas faces, quando o primeiro comboio de passageiros entrava o tunnel.

Mendonça e Costa.

ANTONIO PEREIRA DA CUNHA

(Concluido do n.º 411)

II

Apenas tomada a deliberação de não seguir um curso na Universidade, Antonio Pereira da Cunha entregou-se com affinco ao estudo dos classicos e da litteratura dramatica.

Entre as suas primeiras obras contam-se tres dramas, representados em Lisboa, que logo conquistaram o applauso publico, e foram premiados pelo conservatorio: — *As duas filhas*, *Brazia Parda* e a *Herança do Barbadão*. Outros dramas e comedias: *Leonor de Mendonça*, *Julia*, *Companhia Monstro*, *Um poeta no tempo de D. João V* e *Martim Moniz*, fizeram crescer a sua merecida fama. Ao mesmo tempo collaborava distinctamente nas principaes folhas litterarias de Lisboa e de Coimbra, o *Trovador*, a *Illustração* e a *Revista Universal Lisbonense*, na qual estampou um trabalho em prosa, baseado em memorias genealogicas do Minho, e intitulado *Governo nas mãos do villão*.

No jornal a *Nação* começou a publicar alguns romances em verso: *Vasconcellos*, *Botados*, *Leites*, *Pintos*, *Mesquitas*, que eram, segundo parece, amostras de uma collecção planeada com o titulo de *Album Heraldico*.

Compoz em prosa os romances *Massilgado*, os *Quatro irmãos*, a *Moura de Santa Luzia* e o *Peccado em noite benta*, chronica bracharense de 1507. Correm tambem impressos alguns seus discursos e pamphletos politicos, um dos quaes, intitulado *D. Miguel II*, teve nove edições em poucos mezes.

Antonio Pereira da Cunha deveu sem duvida ao seu reconhecido e apreciado talento de poeta e prosador as relações de amizade que travou com os homens de lettras mais eminentes e bem conceituados do seu tempo: Castilho, Garrett, Herculano, Mendes Leal, Rebello da Silva, Andrade Corvo e ainda outros. Garrett, principalmente, tinha decidida predilecção por elle, que assim o confessa, com tocante sensibilidade, em a nota á poesia *Conde Alarcos*, a pag. 191 da *Selecta*.

Diz assim:

«Eu, de quantas distincções me podessem deslumbrar, excitando-me o amor proprio, a que sempre julguei maior de todas foi uma que consegui, a de haver merecido as sympathias, a quasi predilecção, de um dos homens mais notaveis que produziu Portugal, talvez n'estes ultimos tres seculos.

«Fallo do grande escriptor, do regenerador das nossas lettras, de João Baptista Leitão de Almeida Garrett.

«Chego a ensoberbecer-me quando me lembro do modo porque elle me acolhia e dos favores que se esmerou em fazer-me desde que nos conhecemos.

«Não me tratava senão pelo seu joven poeta; comprazia-se em guiar-me os meus passos mal seguros pela espinhosa carreira, para a qual lhe parecera que me achava propensões; e como que se incumbia de tomar-me por discipulo.

«Com que affectuoso interesse elle rasgava aos meus olhos os horisontes do *bello*, para os eu admirar! Como se punha a explicar-me com a sua clareza inimitavel os pontos mais reconditos da arte! Conversava e ensinava-me; não perdia occasião em que o podesse fazer; mas nunca em tom pedagogico, e que tendesse a humilhar-me.

«Parece-me que o estou vendo e que ainda agora o ouço, n'uma casa da rua do Alecrim, ao subir, do lado esquerdo, que era a sua morada n'esse tempo! *Robe de chambre* de cachemira de lavor oriental; calças de meia escarlate; recostado com a molle indolencia de um khalifa na ponderosa poltrona de pau santo em arabescos, tendo na mão uma folha da *Revista Universal*...»

A propaganda da união iberica, que andou mais accesa ahi pelos annos de 1858-1862, foi combatida na imprensa por Antonio Pereira da Cunha, e despertou-lhe a idéa de uma obra historica muito notavel, *Brios heroicos de portuguezas*, de que se publicou só um volume em 1861.

O pensamento do livro vem claramente expresso nas ultimas linhas da *Introducção*:

«Poz-se em relevo o heroismo dos nossos conterraneos mais famosos pela sua adhesão á independencia e ao bom credito do reino, com o duplicado intuito de concitar os brios nacionaes por meio do influxo saudavel que deve ter sobre elles um exemplo d'esta ordem, e de lembrar tambem aos *esquecidos* que em Portugal, muitas vezes, contra a soberba hespanhola foram de sobre as mulheres.»

Semelhante pensamento está tão intimamente ligado com a nacionalidade portugueza que já dizia Rezende:

> Vimos Portugal e Castella
> Quatro vezes ajuntados,
> Por casamentos liados
> Principes naturaes d'ella,
> Que herdavam todos reinados,
> Todos vimos fallecer,
> Em breve tempo morrer,
> E nenhum durou tres annos.
> Portuguezes, castelhanos,
> Não os quer Deus juntos ver.

Soccorrendo-se principalmente da tradição e das velhas chronicas, Pereira da Cunha traçou com firmeza e elegancia uma serie de quadros patrioticos em que avultam heroinas, assim da nobreza como do povo, dos seculos XIV, XV e XVI; a velha Iria Vaz, que em Santarem soltava o primeiro grito contra os castelhanos a favor do mestre de Aviz, e batia como um vaevem á porta do castello, a ponto de a fazer oscillar nos corpulentos tranqueiros; Brites de Almeida, a famosa padeira de Aljubarrota; e D. Filippa de Vilhena, a mulher varonil e verdadeira fidalga, que por suas proprias mãos armou a seus filhos cavalleiros.

A fórma de contos, preferida para essas interessantes narrativas, dá-lhes muito realce e augmenta o interesse dos leitores. O dialogo, natural, animado e espirituoso, vai entremeiado com as descripções, e prende facilmente, sem fatigar a attenção. O estylo, sempre terso, castigado e genuinamente portuguez, deleita o paladar como vinho generoso.

Assim como julgo que nos *Brios heroicos de portuguezas* está a melhor prosa que Pereira da Cunha escreveu, tambem me parece fóra de duvida que os versos mais perfeitos, os fructos mais sasonados da sua incontestavel inspiração foram colligidos na *Selecta*, publicada em 1879.

Ha quem lhe note que a preoccupação da fórma, por vezes exaggerada, prejudica a clareza e a nitidez de expressão do sentimento poetico. Mas, ao mesmo tempo, nota-se a pureza da dicção, a sonoridade, a harmonia, a concisão, a sobriedade dos mestres. E a par d'estes raros predicados a alteza dos conceitos e a propriedade das imagens.

É curioso observar que elle mesmo deu causa a que nos versos se pudesse apontar aquelle senão, se é que realmente existe. Dando á estampa em 1872 um poemeto primoroso — edição nitida de 30 paginas — *O Voto d'el-rei*, poz-lhe Pereira da Cunha o titulo modestissimo de *Exercicios de rima*. E', com effeito, o requinte da metrificação, pois em todo elle nunca as rimas são do mesmo genero: o substantivo, o adjectivo, o verbo, o pronome e o adverbio só rimam alternadamente. Chamada a attenção dos leitores indifferentes ou só amantes da novidade para estes exercicios, que podemos dizer de *alta eschola*, quiz parecer a alguns que o *tour de force* revelava de certo engenho, mas empanava o brilho da inspiração. Todavia, a sua leitura desperta vivamente o sentimento esthetico, e esta impressão favoravel ao auctor do poemeto é de todas a sua melhor critica.

O *Voto d'el-rei* foi novamente impresso em 1879 na *selecta*, a derradeira e a melhor obra de Pereira da Cunha. Ahi reuniu, depois de ter feito com o maior escrupulo uma escolha severa, as suas melhores composições poeticas, que são apenas 23, e vem precedidas de uma *Dedicatoria* em prosa a seu filho, que occupa 19 paginas, e seguidas de *Notas* ou antes commentarios, que preenchem quasi metade do volume. Tanto n'aquella como n'estas abundam os testemunhos de vastissima erudição.

Uma d'essas poesias. o *Conde de Alarcos* tornou-se tão popular que em differentes partes do reino a sabem de cór e a recitam. Outra intitulada *Pedro*, é trabalho magnifico; e aqui e alli se encontram estancias de verdadeira belleza. Por exemplo estas quintilhas da *Cinza*:

> O ser?... O que é o ser? Uma batalha.
> De que outra essencia, ó vida, te compões?
> Aos pés, um laço, que nos tenta e emmalha;
> N'alma, o susto; no sangue, uma fornalha;
> E á roda, em furia, o tigre das paixões!
>
> Dura 'inda o gozo, e o tedio nos invade,
> Segue ancia amarga o ebrio phrenesi;
> Hoje, o desejo; amanhã saudade...
> E corre, emtanto, e vôa e chega a edade,
> E colhe o incauto, que entre esp'ranças ri!
>
> E depois? e depois?... D'essas coevas
> Flores que resta? Ah quem t'o explica? Audaz,
> Se intentas prescrutal-o, e a vista elevas,
> Que descobriste? Apenas o infinito e trevas,
> Baixa-a... Trevas tambem, e um *aqui jaz*.

Não são menos bellas estas sextilhas da descripção de Cintra, no seu poemeto — *O Voto de el-rei*.

> Das fragas a escama
> O monte recama.
> Um jorro vivaz
> D'alli se desata
> E em chuva de prata
> No chão se desfaz.
>
> Depois, onde a penha
> Nas silvas se embrenha,
> São mattos a flux;
> E a cauda arremeda
> Da cobra a vereda,
> Que abaixo conduz.
>
> Ao fundo se apinha
> Do valle a rainha,
> Já éden, então.
> Que alegre ella alveja!
> Ás casas, a egreja,
> E os paços lá estão!
>
> Mais longe, se olhares
> Descobres Collares,
> Sultana d'emir,
> Das relvas na alfombra,
> Que o choupo lhe assombra
> Lasciva, a languir!

Mas logo desmaia
Nas orlas da praia
A varzea... Não vês?
E a pallida areia
O quadro rodeia
De triste aridez.

E o mar, que fluctua
Na fimbria nua
Seu beijo a depôr,
Ao largo dormita...
Na zona infinita
De um céo, já sem côr!

Sinto, na verdade, não poder trasladar para aqui, por muito extensa, essa magnifica poesia, inspirada pela tradição de que el-rei D. Manuel, preoccupado com a demora da armada de Vasco da Gama, subia ao mais alto pincaro da serra de Cintra para descobrir alguma véla no horisonte, e fizera uma promessa á Senhora do Restello, se houvesse bom resultado, de lhe fundar o mosteiro que — segundo affirma Pereira da Cunha — ainda hoje existe, em parte, no sitio onde o infante D. Henrique já tinha edificado uma capella para os seus mareantes commungarem, quando iam sair a barra, pegada a um hospital a que elles se acolhiam, se porventura chegavam mal da viagem ou caiam em pobreza.

Terminamos as citações com estes soberbos versos — *N'uma lapida* — cuja idéa da morte, infelizmente, vem muito a proposito:

Sombra, passaste. Pó, levou-te a aragem.
Voltaste ao nada. E' esse o fim commum.
Surgiu-te o escolho, em meio da viagem;
Colheu-te, entregue aos prismas da *miragem*
Entre as azas do fogo, o simoun.

Mas, quando, lirio, fulminado na haste,
Pendida a fronte, a luz perdeste e a côr,
Ai! em que mágoa e ermo nos deixaste!
Nossos olhos buscavam- e em redor,
Avidos, longos... Não te viam. Tudo
Era escuro. Cobria-nol'o um veo!
Chamavamos... E o espaço estava mudo.
Tu já não eras nosso, eras do céo.

Poeta de raça, philosopho christão, historiador fluente e delicado de successos em que a verdade se funde com a poesia das tradições, que teem existencia e realidade na alma popular, e se transmittem de geração em geração, Antonio Pereira da Cunha sacrificava ás musas de Homero, não ás de Herodoto, como o seu respeitavel mestre e amigo. Fallam os seus livros, com sincera e profunda convicção, do amor da patria, do amor de Deus e do proximo, cantam as bellezas do universo, celebram feitos de heroes, exaltam o bem, deprimem o mal, e pregam sem austeridade a religião augusta do dever. Reflectindo ao mesmo tempo uma intelligencia lucida e uma consciencia recta, são a melhor corôa que podia dedicar-se á sua memoria.

Alberto Telles.

APONTAMENTOS SOBRE A MARINHA DE GUERRA DOS DIVERSOS PAIZES

MARINHA DE GUERRA PORTUGUEZA

(Continuado do n.º 412)

O cruzador «Affonso de Albuquerque» foi construido nos estaleiros de *The Thames Iron Warks* (Inglaterra) e lançado ao mar no anno de 1884.

Tem de comprimento 67,m65, de bocca na sua maior largura 10,m89, e 5,m30 de pontal; é de 1111 toneladas de deslocamento sendo a sua construcção de ferro e madeira. Não é couraçado.

As machinas são da força de 1055 cavallos sendo o seu maior andamento 13,3 milhas.

Estas machinas são de *Humphrys Tennant & C.ª*.

Duas peças de 0,15 e cinco de 0,12 de calibre, de carregar pela culatra, montadas em reparos hydraulico-authomaticos de Vavasseur constituem o seu armamento, além de mais tres metralhadoras do systema Nordenffelt.

Toda esta artilheria manobra facilmente, chegando a amplitude do tiro nas peças de 0,15, a ser de 170° permittindo o fazer fogo para vante ou para ré, quasi em direcção parallela á quilha.

Este navio possue magnificas accommodações tanto para o commandante como para a respectiva guarnição.

Está actualmente em Moçambique e era o navio chefe da esquadra portugueza n'aquelles mares, por occasião do bloqueio de Zanzibar.

As canhoneiras Zaire e Liberal foram construidas em Inglaterra, no anno de 1884, nos estaleiros de *Laydrs*.

São perfeitamente iguaes tendo cada uma 42,m60 de comprimento, 7,m05 de bocca, 5,m20 de pontal e 610 toneladas de deslocamento.

As suas machinas são da força de 500 cavallos e o seu andamento de 10 milhas.

Cada um d'estes navios monta um rodizio de 6,m75 a meia nau, um outro menor no castello da prôa e mais duas peças no convez.

O Occidente desde a sua fundação, com a sua publicidade, tem feito todo o possivel para o desenvolvimento das construcções navaes em Portugal e se esta industria se não tem desenvolvido, não é por falta dos conselhos e alvitres aqui apresentados.

Senão vejamos o que diz no seu numero de *11 de Janeiro* de 1885 tratando das canhoneiras «Zaire» e «Liberal»

Cabe aqui uma pequena observação que nos não soffre o animo de calar, e é que, precisando o nosso paiz desenvolver todas as industrias possiveis, e tanto mais aquellas de que por tantos annos Portugal deu provas de que sabia fazer, qual a de construcções navaes, a ponto de outras nações virem aqui aprender, n'estes ultimos annos se tenha desprezado este importante ramo da industria nacional, resignando-nos com o estado de abatimento a que tem chegado o nosso arsenal, e preferindo mandar fazer os navios ao estrangeiro, onde nos custam dinheiro da mesma forma, além das gratificações aos officiaes que vão assistir á construcção, em vez de empregarmos esse dinheiro e fazer os sacrificios que essas despezas demandam, em desenvolver a actividade necessaria em o nosso arsenal, habilitando-o a fazer os navios que precisos forem.

Cremos que com isto todos lucrariam, e que esses sacrificios seriam muito mais productivos para Portugal, onde aliaz não faltam braços para o trabalho e onde não é indifferente que se dispendam sommas no estrangeiro, com grave prejuizo do trabalho nacional.

Ao esclarecido espirito do ministro que hoje rege a pasta da marinha, estamos certos que não terá passado desapercebido este facto, e por isso nutrimos a esperança que dentro em breve as construcções em o nosso arsenal da marinha tomem o desenvolvimento que devem ter n'um paiz maritimo e colonial, ao qual corre o impreterivel dever de velar muito especialmente pela sua industria naval, habilitando-a a poder produzir, ainda que para isso seja preciso ir buscar elementos estrangeiros.»

Nós repetimos hoje as mesmas observações fazendo votos para que sejam melhor accolhidas.

(Continúa) *Grumete.*

A ESTRELLA DE BELEM

(Continuado do n.º antecedente)

Parece-nos util reproduzir tambem o fragmento da Carta de Argelander, construida por 1855, e que contém a posição de que se tracta, para que os leitores que tenham á sua disposição algum instrumento, possam assestal-o n'essa direcção e observar attentamente as cinco ou seis estrellas telescopicas que ahi se encontram; notarão que uma d'ellas apresenta uma côr avermelhada, um aspecto vago e talvez uma certa variação de brilho. A estrella *x* está n'essa carta; é, como dissemos, de 4.ª magnitude, e indispensavel para nos podermos certificar da posição e identificar com segurança as outras que são de 6ª, 7ª, 8ª, 8ª ½, 9ª e 9ª ½.

A mais proxima do ponto em que se calculou estar a estrella de 1572 é uma estrella de 9ª magnitude, á esquerda da linha de 16m e 63° 30'. É ahi que convem procurar, notando diariamente o brilho e cambiantes das estrellas mais proximas.

Para mais exactidão, procurou Argelander com o maior cuidado a posição da estrella, e achou com respeito á precessão de 1855:

Ascensão recta	Declinação	Precessão annual
$0^h16^m47^s$	$+63°20',6$	$AR+3^s,27.B+20''$ ou $O',33$

A posição actual (1890) da estrella temporaria deve ser:

$$AR=0^h,18^m41^s \quad B+63°32',1.$$

A menos de um minuto de arco (espaço completamente imperceptivel á vista desarmada) d'esta posição determinada pelas observações de Argelander, achou d'Arrest em 1865 uma pequena estrella avermelhada de 11ª magnitude, que não está na Carta de Argelander. Em 1873 Lynn e Plummer observaram de novo este astro minusculo e pareceu-lhes ver n'elle signaes de fluctuação. Esta pequena estrella segue a estrella de 9ª magnitude que tem o n.º 22 da zona 60 de Argelander, a 29°,6 de distancia a leste, e a 10'4" de distancia ao sul. Seria vantajoso observal-a cuidadosamente por algum tempo, porque pode muito bem succeder n'ella achar-se o que por ventura reste do sol apagado de 1572.

Mas agora perguntamos: que relação pode ter essa famosa estrella com o astro lendario que o Evangelho diz ter servido de guia aos tres reis magos quando procuravam o berço de Belem?

(Continúa). *C. Flammarion.*

REVISTA POLITICA

Até que emfim lá deu a alma a Deos a caturra discussão do parecer do *bill*, o que nos poupa de apanharmos por esta vez o epitheto de massador, dos nossos leitores, porque não ha nada para sermos massadores, como ter de tratar de um assumpto massador.

Pelo menos até agora ainda ninguem reconheceu outra qualidade na tal discussão, incluindo os proprios oradores que n'ella mais se inflammaram por amor da arte.

Estamos plenamente convencidos d'isto, depois que a discussão só produziu palavras e nada de idéas, só serviu de obstrocionismo na camara por mais de trinta dias, com prejuizo dos assumptos financeiros, das medidas tributarias de que tem a tratar e que são a questão verdadeiramente interessante para o paiz, aquella que o faz receiar e metter as mãos nas algibeiras, para se certificar que d'esta vez não ficará ainda limpo de quanto lá encontre.

Mas temos juntamente o receio que para tratar esta melindrosa questão economica não chegará o tempo, não se discutirá e pensará detidamente como era mister, levando de afogadilho essas medidas economicas, ou nem mesmo as discutindo, pois já se fala na lei de meios, como em mandado de despejo e travessas á porta do parlamento.

Com respeito a finanças ainda o sr. ministro da fazenda apresentou uma medida altamente moralisadora e de que não podemos deixar de nos applaudir, porque ella vem ao encontro das nossas idéas expendidas na revista do n.º 411 e em que dissemos, tratando dos novos tributos:

«Nós só viamos uma sahida a este circulo vicioso em que a administração publica vive ha annos, e era as camaras depois de approvarem os novos decretos tributarios, decretarem uma lei que não permittisse o augmentar as despezas publicas sem que as receitas augmentassem tambem.»

No projecto do sr. Franco Castello Branco e que faz parte da lei dos meios, resume-se assim:

Nenhuma despeza de qualquer ordem que não esteja inscripta nas tabellas, posto que auctorisada por lei especial ou promulgada depois da votação da lei geral de receitas e despezas annuaes, possa ser ordenada e paga sem a abertura, em conselho de ministros, no ministerio da fazenda, a favor do ministerio a que competir a despeza, do credito necessario para a sua satisfação, sendo obrigatoria e preliminar a publicação do respectivo decreto no *Diario do Governo*.

Isto, se não é fechar completamente a bolsa a despezas não orçamentadas e approvadas, é pelo menos difficultar que ellas se façam, o que sempre é um passo dado na boa economia.

Nós só temos uma duvida, é que esta lei não se cumpra e só fique no papel como fructo prohibido em que não seja permittido tocar sob pena de morrer.

O parlamento realisou uma sessão solemne em que se reuniram as duas camaras, para reconhecer o principe herdeiro ao throno na pessoa de sua Alteza o principe Luiz Filippe filho primogenito de Suas Magestades El-Rei D. Carlos I e da Rainha D. Amelia.

Foi uma sessão que não dispertou mais interesse que qualquer das outras, ou talvez menos porque só n'ella tomaram parte as pessoas que officialmente a ella tinham que assistir, porque extra-official só um ou outro espectador das galerias assistiu á solemnidade.

Outros acontecimentos tem agora chamado mais concorrencia de curiosos ao parlamento para saberem o que ha de verdade sobre umas noticias pouco conciliadoras que vieram d'Africa.

Essas noticias sobresaltaram o espirito publico porque relatavam a morte de dois cipayos portuguezes ordenada polo inglez Buchanan e praticada em terras do Chire sobre que versa a nossa pendencia com a Inglaterra, e sobre que está suspensa toda a acção de Portugal e da Inglaterra até conclusão das negociações diplomaticas. Diziam mais ter sido queimada ali uma bandeira portugueza.

Mas a curiosidade publica não foi satisfeita,

porque apezar da noticia d'este facto se relatar em um protesto do governador da localidade dirigido ao governador de Quelimane, e porisso ser uma noticia official, o governo declarou não ter participação official d'elle e ter que telegraphar para Africa para que essa participação lhe fosse feita e então proceder.

Os espiritos ficaram pois suspensos sobre o telegrapho até que este confirmasse ou não o facto.

Essa confirmação veio e o governo apressou-se em communicar o caso ao governo inglez pedindo explicações; mas d'esta vez é o governo inglez que não sabe de nada e que vae tambem telegraphar para Africa a pedir informações, e os espiritos voltam a ficar suspensos sobre o telegrapho. E n'esta historia do *sei não sei*, o que nós sabemos é que os negocios d'Africa vão muito mal e as nossas negociações com a Inglaterra não vão melhor.

João Verdades

RESENHA NOTICIOSA

Novos navios de guerra portuguezes. — Foram abertas no Ministerio da Marinha pela commissão encarregada da acquisição de novos navios de guerra, as propostas apresentadas por varias casas extrangeiras para a construcção de quatro cruzadores.

São cinco as propostas a saber:

França—Forges et Chantiers et la Mediterranée, 7.000:000 francos por navio.

Allemanha — Germania, libras 280:000 por navio; Vulcan, 266:000 libras por navio.

Italia — Orlando Fratelli, 6.100:000 liras por navio, ou 5.800:000 liras sendo-lhe adjudicada a construcção de todos.

Estados Unidos — William Crump & Sons, 1.530:000 dollares por navio.

Não podemos deixar passar sem reparo a proposta da Italia, apezar de parecer a mais favoravel, mas como nem tudo que luz é ouro, será bom lembrar que a Italia não é das nações cuja sua industria de construcções navaes seja a mais completa e habilitada, pois que ainda manda fazer alguns navios ao extrangeiro, e para os que faz nos seus estaleiros, importa de França as couraças e da Allemanha ou da Inglaterra a artilheria.

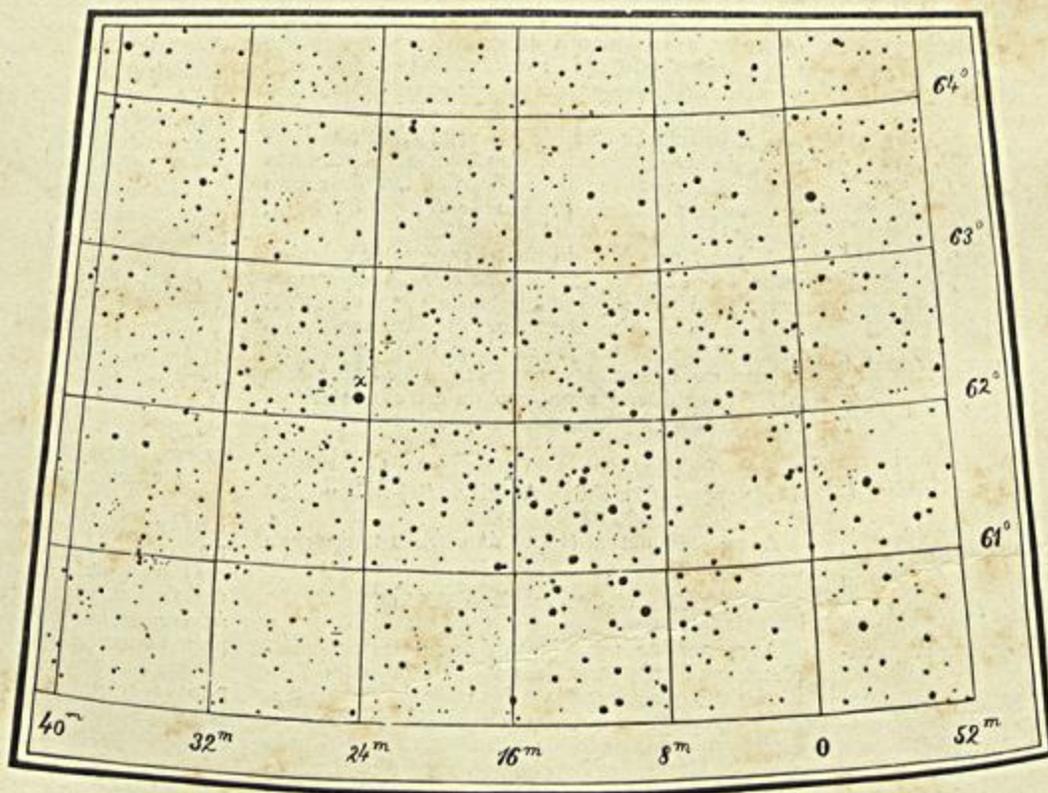
Não vá pois Portugal pagar aprendizagens extrangeiras, porque de socata já está sufficientemente abastecido.

Bellas Artes. — O governo encarregou de dar parecer sobre o modo de inventariar os objectos artisticos que se acham dispersos por differentes pontos do paiz, uma commissão composta dos srs. conde de Almedina, inspector da Academia de Bellas-Artes, Thomaz Antonio da Fonseca, director da mesma Academia, Manoel de Macedo, conservador do Museu Nacional e professor no Instituto Industrial e Commercial de Lisboa, Antonio José Nunes e Silva Porto, professores na Academia de Bellas-Artes, José Luiz Monteiro, architecto da Camara Municipal de Lisboa, Ramalho Ortigão e Souza Viterbo.

Esta commissão já reuniu e deu principio aos seus trabalhos, parecendo que ha idéa de confiar á Academia de Bellas Artes a direcção dos trabalhos coadjuvada pela Academia Portuense de Bellas-Artes.

O ARCEBISPO DE LARISSA D. JOAO REBELLO CARDOSO DE MENEZES

Fallecido em 5 do corrente

(Segundo uma photographia de Camacho)

LOGAR DA ESTRELLA DE 1572, PONTO DO CÉO ONDE DEVE SER PROCURADA

(0h 17m e 63° 21') — Vid. artigo : Estrella de Belem

PUBLICAÇÕES

Recebemos e agradecemos:

Catalogo da Exposção de Desenhos *e de obras d'arte dos professores das escholas industriaes da circumscripção do norte*, srs. Michelangelo Soá, Vitorio Giuseppe Fiorentini e Giovan Battista Cristofanetti. Esta exposição teve logar no Museu Industrial e Commercial do Porto.

O Mundo Legal e Juridico, *revista quinzenal, orgão defensor de todas as classes judiciaes e administrativas* dirigido com a cooperação de distinctos jurisconsultos nacionaes e extrangeiros, por Fernão Amaral Botto Machado. Esta revista vae já no quarto anno de publicação.

Revista Illustrada publicação quinzenal. Mariano Level e Antonio Maria Pereira, gerente. Publicação interessantissima na parte artistica e litteraria, que vem tomar um logar honroso nas lides da imprensa litteraria do nosso paiz. D'aqui felicitamos o novo collega.

Adolpho, Modesto & C.ª
IMPRESSORES
R. N. do Loureiro, 25 a 43